

Meditação sôbre o evangelho do domingo Estomihi

Marcos 10, 35-45

por L. Weingaertner

1. Reflexões exegéticas preliminares.

Os versículos que antecedem o nosso texto circunscrevem a situação em que encontramos o mestre e os discípulos. Pela terceira vez Jesus anunciara a sua paixão iminente — e desta feita não deixando margem para uma interpretação metafórica de suas palavras: Eis que subimos para Jerusalém... o Filho do homem será entregue... hão de escarnecê-lo, cuspir nele, açoitá-lo e matá-lo; mas depois de três dias ressuscitará.

«Subir» — **anabainein** — era o termo técnico empregado pelos peregrinos que se dirigiam às festas no santuário de Jerusalém. A palavra tinha um som festivo, imbuído de alegre expectativa. Na comunidade primitiva «**anabainein**» veio a ser usado num sentido peculiar, subentendendo-se a «subida» de Jesus ao Calvário. Para os primeiros leitores de Marcos o termo se apresentava nesta dupla feição.

A atitude e as palavras de Jesus haviam deixado os discípulos perplexos: — Êstes se admiravam, e seguiam, tomados de apreensão.

Esta apreensão geral ainda torna mais chocante o pedido dos filhos de Zebedeu, que simplesmente parecem ignorar as palavras de Jesus, referentes à sua morte iminente, e que pensam em seu futuro só em termos de glória. Terão êles em mente o reino celestial de Jesus (talvez baseando-se no anúncio do mestre, de que ressurgiria após três dias)?

Ou vêem em Jesus apenas o rei messiânico de Israel — que deveria restabelecer a teocracia do povo santo? Foi esta última a opinião corrente entre o povo, opinião essa que parece ter embotado o espírito dos zebedaídas a tal ponto que deixaram de tomar a sério a «*theologia crucis*» de Jesus, apegando-se ingenuamente a sua «*theologia gloriae*», que perfeitamente se coadunava com os seus desejos ambiciosos. Jesus destrói as suas falsas pretensões, baseadas em uma escatologia não menos falsa:

— Não sabeis o que fazeis... bebereis o cálice... recebereis o batismo? «Cálice» não nos parece ser alusão à Santa Ceia, como alguns comentadores opinam, mas antes ao cálice de veneno que o condenado à morte era obrigado a tomar (cf. salmo 75 e Isaias 51,17).

«Batismo» igualmente é uma referência clara à morte.

«Podemos» — securitas humana, que em breve seria levada ao absurdo (como também no caso de Pedro). O martírio é compreendido como possibilidade humana. A resposta de Jesus: — Sim — deveis sofrer; mas não como vós quereis, vendo no martírio um caminho para a glorificação; sofrereis, segundo o meu caminho, não o vosso. Os homens não manuseiam a glória celeste. Quem dispõe dela, é Deus e Deus somente.

E' possível que os vers. 42-45 sejam um acréscimo redacional de Marcos, já que faltam em Luc. 22 (enquanto constam em Mat. 20). Se êste fôr o caso, concordamos com Lohmeyer que diz ser êste trabalho redacional um merecimento de Marcos e sua tradição, «pois nenhum trecho do N. T. mostra com tanta clareza o contraste entre domínio secular e serviço do crente».

Assim sendo, poderemos ignorar a cesura que sem dúvida existe e entre os vers. 40 e 41, sem lançarmos mão de artifícios para demonstrarmos a unidade da perícopé. Não pode haver dúvida quanto à unidade interna de todo o trecho.

2. Escopo e tema.

A perícopé se presta bem para um homilia, que segue o curso do diálogo entre Jesus e os zebedaídas, confrontando a vontade humana de dominar, de ser glorificado, com o caminho de Jesus, que obedece até a morte. Se não fosse a feição negativa da frase, poderíamos formular o tema com o vers. 43: — Entre vós não será assim. Será preferível, no entanto, partirmos do «sim» de Jesus, e não da falsa posição dos homens:

— Jesus veio para servir. Qual é a finalidade de tua vida?

3. Meditação.

E' algo tão natural, tão humano o que aquêles dois discípulos pedem a Jesus. Querem sentar à sua direita e à sua esquerda em seu reino, querem participar de sua glória, elevando-se sôbre os outros homens. Donde lhes viera êste desejo? Donde...? E' preciso que a ambição venha de fora? A vontade de ser grande, de ser honrado, de sobrepor-se aos irmãos existe em cada coração humano. Já a criança de três anos ambiciona «um lugar de glória».

— Dá-me um lugar à tua direita... isto é — Já que não posso ser o primeiro, permite-me ao menos de ser o segundo.

Ó, orgulhoso coração humano, cheio de sonhos de glória e de grandeza! Por que queres ser grande? Por que queres assenhorar-te dos outros? E' pelo bem comum? Para que os outros possam beneficiar-se de tuas qualidades? Não te enganes a ti mesmo. Os teus sonhos de poder e de glória provêm de teu egoísmo, de teu miserável egoísmo, que é a tua maior enfermidade. Êste egoísmo te faz girar em redor de ti mesmo. Veda as portas ao próximo, faz atrofiar-se o amor ao irmão, e passa a transformar o coração num lugar solitário, onde só reina o Eu, aquele pobre Eu, cheio de mil desejos, de mil apetites e ambições. — EU quero,

EU preciso, **EU** fui, **EU** sou, **EU** serei, **EU** fiz, **EU** sei, **EU** posso! Não admira que num coração dominado pelo egoísmo não haja lugar nem para Deus nem para o próximo. Mas será permitido considerar aquele desejo dos irmãos Tiago e João como sendo ambicioso e egoísta? Não quizeram êles um lugar ao lado de Jesus? Não será isto até um desejo louvável? Ou será a ambição religiosa a mais perigosa das ambições — muito mais perigosa que a ambição pelas glórias vãs dêste mundo?

«Eu quero um lugar especial no teu reino». Êste desejo contraria frontalmente o evangelho de Jesus, pois êste nos revela que o lugar que nos compete no reino de Deus, é o lugar do pecador perdoado, que unicamente pela graça de Deus foi salvo.

Jesus diz: — Quem me quizer seguir, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me. Foi justamente isto — negar-se a si mesmos — que os dois irmãos não souberam e não quizeram fazer. Haviam esquecido a mensagem de João Batista a respeito de Jesus: — Êle precisa crescer — eu preciso diminuir.

Entendemos que Jesus não pode aceitar o pedido dos filhos de Zebedeu e que também não pode apaziguá-los com promessas vagas. Êle os faz cair de seus sonhos ambiciosos, empregando uma verdadeira «terapia de choque»:

— Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu bebo e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado? — Isto foi uma verdadeira ducha fria. O cálice é o sofrimento, o batismo representa as trevas da cruz e da morte. E' como se os dois ambiciosos discípulos tivessem caído de um mundo de sonhos maravilhosos para a realidade dura e fria. Mas êles ainda não se dão por achados. Respondem, sem refletir muito, como se fôsse apenas uma bagatela: — Podemos. Jesus bem lhes poderia ter respondido com uma palavra dura, condenando a sua leviandade. Êle no entanto, com verdadeira paciência de mestre, os faz ver que os príncipes desta terra se assenhoreiam das gentes e que os grandes usam de autoridade, mas — «entre vós não será assim». E', pois, a vontade de Jesus Cristo que em sua igreja não reine o espírito da luta pelo poder. O problema do poder na comunidade de Jesus está definitivamente resolvido, pois quem manda em sua igreja, é Jesus Cristo, é Deus. Não pode, pois, haver luta pelo poder, a não ser, quando alguém não reconhece Jesus como cabeça; mas neste caso já não é membro do corpo de Cristo.

Na igreja de Jesus Cristo reina um espírito diferente. Jesus o expressa nestes termos: — Qualquer que entre vós quizer ser grande, será vosso serviçal, e qualquer que quizer ser o primeiro, será o servo de todos. Pode ser dito sem rodeios que a igreja é fortalecida pelos homens e pelas mulheres que querem servir e que é enfraquecida pelos homens e pelas mulheres que querem dominar. Não é possível participar de outra maneira do reino de Deus, a não ser pelo serviço humilde em favor dos irmãos de Jesus Cristo.

Quem procurar glórias e honrarias na igreja, talvez as encontre, mas correrá perigo de perder a Jesus. Sem dúvida um dos maiores erros cometidos na história da igreja cristã foi que, em certos tempos, bispos ambiciosos se elevaram sobre os outros cristãos, metendo-se em terríveis lutas, derramando o sangue de seus adversários e enfrentando a reis e príncipes para lhes arrancar o poder. Conseguiram, em certas épocas, fazer a igreja rica e poderosa — mas quanto mais exibiam a glória e o esplendor desta terra, tanto mais a igreja perdia o seu verdadeiro tesouro. Foi por isso que Martinho Lutero, impellido pelo Espírito de Jesus, levantou a sua voz. Ele tinha compreendido a palavra de Jesus: — Entre vós não será assim. Ele quiz que na igreja cristã Cristo tivesse poder, e não homens ambiciosos.

— Entre vós não será assim. Também nós, hoje, precisamos ouvir, bem atentos, aquelas palavras. O coração humano procura mil ardis para esquivar-se da lei de Jesus e para deixar entrar na igreja as leis que governam este mundo. O que nos vale nesta tentação constante, é olharmos para Jesus, o autor e consumidor de nossa fé. Ele não apenas nos ensinou a servir, mas nos deu o exemplo com sua vida, que outra cousa não foi, a não ser um único santo serviço — até consumir-se em sua morte na cruz de Gólgota.

«O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos». — Mas como poderemos seguir a Jesus em seu sacrifício pelos homens? — Não é primordialmente o martírio que Jesus exige de nós — embora possam voltar tempos, em que o batismo de sangue torne a ser algo de normal para os seguidores de Jesus.

«Dar a vida» — isto é — não reservar a vida para si — mas gastá-la no serviço de Cristo. A vela está sendo gasta, enquanto queima. Deixando gastar-se, ela dá luz ao seu ambiente; diminuindo constantemente, cumpre a sua finalidade primordial — a de iluminar a escuridão.

Para nós só existem duas alternativas: — Ou mandarmos no mundo, ou servirmos no reino de Cristo. Como se manda no mundo, podemos aprender em tôda a parte. Como se serve no reino de Cristo, só aprenderemos com o Filho de Deus, que veio — não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos.